AS FLORES HIACINTINAS DE CAMÕES

À saüdosa memória da grande mestra e amiga D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Da leitura da *Flora dos Lusíadas* (1) uma dúvida ficou no meu espírito: se as plantas de que Camões vestiu a Ilha dos Amores são, como afirma Ficalho, citadas através de reminiscências de vastas leituras, sem que o Poeta as identificasse, por vezes, a espécies reais, sem mesmo saber se existiam no seu país, ou se — pelo contrário — são plantas portuguesas e bem conhecidas do poeta que as descreveu à maneira clássica. Neste caso a Ilha dos Amores que segundo o modo de ver do autor da *Flora* é uma ilha mitológica pela imaginação do Poeta transportada «das temperadas regiões do Mediterrâneo — da pátria da velha poesia — para os mares do Oriente», seria

AUGUSTA FARIA GERSÃO VENTURA

(1) Lisboa, 1880.

um pedaço da terra portuguesa que «o muito amor da pátria» levaria a escolher para uma terra de amores e que as suas saüdades arrastariam aos mares orientais.

Êste pequeno trabalho tem por fim mostrar que as flores Hiacintinas (1), a-pesar-de citadas por uma forma puramente clássica:

Ven-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona (2)

são bem portuguesas, correspondem a uma espécie real que o Poeta poderia ter *visto* até junto do Mondego e que, no que a elas toca, a afirmação de Ficalho provém duma errada identificação.

*
* *

No comentário aos referidos versos diz Epifânio Dias (3):

«... Apollo estando a jogar o disco — a barra dos antigos — com o espartano Hyacintho, a quem muito queria, matou-o involuntariamente. Do sangue do mancebo fez Apollo brotar uma flor em cujos veios os antigos imaginavam ver a letra Y, inicial do nome Hyacintho em grego, ou as letras *ai* interpretadas já como interjeição quando referidas a

---

(1) O têrmo ocorre ainda na *Elegia* VI, v. 15 (ed. de Hamburgo). Cf. *Catulo*, 61, 88:

Talis in vario solet
Divitis domini hortulo
Stare flos hyacinthĭnus.

(2) *Lusiadas* c. IX-62. Cf. *Canção* XVI (ed. de Hamburgo) vv. 87-90:

O formoso jacintho alli não falta,
Lembrado dos antiguos seus amores.
Inda na flor se mostrão esculpidos
Os gemidos:

(3) *Os Lusiadas*, commentados por Augusto Epiphanio da Silva Dias, Porto, 1910.

Hyacintho, já como iniciais do nome «Aiax», de cujo sangue brotou a mesma flor (v. Ov., *Met.* X 162-219 e XIII 394-398; em Plinio: *Hyacinthum comitatur fabula duplex luctum praeferens, ejus quem Apollo dilexerat aut ex Aiacis cruore editi, ita discurrentibus venis ut Graecarum litterarum figura AI legatur inscriptum;* XXI § 66). Mas a flor a que os antigos se referem não é a que entre nós é conhecida com o nome de «jacintho» mas sim o *Gladiolus segetum* (v. a tradução de Littré da *N. H.* de Plinio, XXI § 65).

Desta vez E. Dias concorda com Ficalho, que escrevera na *Flora* (1): «— A flor Hiacinthina, na qual se liam as lettras αι, que são uma exclamação sentida pela morte de Hiacintho ou as duas primeiras do nome de Ajax; suppõe-se ser o *Gladiolus segetum* Gawl., muito vulgar entre nós».

É que os dois autores concordaram afinal com Littré (2), que assim traduziu o citado passo de Plínio:

«L'hyacinthe *(gladiolus segetum)* est l'object de deux fables: d'après l'une elle porte le deuil de celui qu'avait aimé Apollon, d'après l'autre elle est née du sang d'Ajax, les veinures de la fleur étant disposées de manière à figurer les lettres grecques AI (AIAS, Ajax)» (3).

Littré devia ter uma poderosa imaginação para ler tais letras no *Gladiolus segetum;* e Ficalho, que certamente conhecia a planta, ao escrever «na qual se viam» (note-se o imperfeito do verbo) e «suppõe-se ser», devia estar bem persuadido de que Camões citava a flor através de reminiscências clássicas mas sem nunca a ter observado, sem nunca a ter identificado a uma planta real.

De facto o *Gladiolus segetum*, de grandes espigas de flores avermelhadas, conhecido vulgarmente pelo nome de

---

(1) Pág. 43.

(2) A tradução de Littré é citada também na bibliografia da *Flora*.

(3) París, Firmin Didot, 1860, II vol., pág. 53.

«espadana das searas», não apresenta coisa alguma que a letras se assemelhe; nunca devia, pois, ter sido identificado à planta que, no referido logar, Plínio designa pelo nome de *Hyacinthus.*

*
* *

Antes de E. Dias ter divulgado, com a publicação do referido comentário, a afirmação de Littré, a planta era identificada ao «jacinto».

Ainda hoje tal asserção se encontra expressa em duas edições escolares de *Os Lusíadas* — a de Campos Monteiro e a de José Agostinho — e igualmente se encontra no interessante livrinho *Fairy Tales from Flowerland* (Books for the Bairns XLI, London), acompanhada de ilustrações que com tôda a probabilidade representam a planta que no norte da França — como na Inglaterra — é conhecida pelo nome de «jacinto dos bosques», *o Endymion nutans,* Dumort(1).

Entre nós, com os nomes de «jacinto de Paris» e «jacintos da Holanda», são cultivadas várias espécies do género *Hyacinthus.* À nossa flora pertence apenas o *Hyacinthus dubius* Guss., do Alentejo e Algarve, que está bem longe de poder rivalizar em beleza com os seus congéneres dos jardins. Pertencem-lhe todavia outras plantas que noutros tempos foram classificadas de *Hyacinthus* e que teem ainda o nome vulgar de «jacintos»: o «jacinto da tarde», de flores amareladas, que se encontra nos pinhais e charnecas e que Linneu classificou de *Hyacinthus serotinus* (*Dipcadi serotinum,* Med.); o «jacinto das searas» ou *Hyacinthus comosus* de Linneu (*Muscari comosum,* Mill.), com uma coma de flores violáceas estéreis, companheiro dos gladíolos nas searas; e o «jacinto dos cam-

(1) Vid. *Flore complète de la France*, par Gaston Bonnier, 3ª ed., pág. 300.

pos», de flores azuis claras ou brancas, que Brotero classificou de *Hyacinthus cernuus* (*Scilla hispanica,* Mill) e que aparece nos campos, sebes ou lugares sombrios (1).

Nenhuma destas plantas que são ou foram classificadas de *Hyacinthus* tem flores com letras. A nenhuma, portanto, podia referir-se Camões.

*
* *

Armengaud comenta (2):

«La fleur résultant de la métamorphose d'Hyacinthe n'est pas bien déterminée: on ignore si c'est la jacinthe, l'iris ou le pied d'alouette».

Já vimos que não é o jacinto; também não será o íris. De facto, se AI AI estiver escrito numa flor, esta não pode ser simétrica em relação a mais dum plano; e assim mesmo é preciso que a disposição das letras seja AI IA (o que é pouco provável) ou que haja uma quinta letra e seja AIAIA. O plano de simetria da flor passará neste caso pelo meio da terceira letra, que por essa razão é, ela mesma, simétrica em relação ao mesmo plano (3). Quanto às letras extremas, simétricas em relação ao referido plano, podem ser tais que a primeira, tendo uma forma parecida com um α, dê para a última uma forma semelhante a um x, o que permitiria, com supressão da penúltima letra, ler na flor o nome de Ajax.

Tais hipóteses são impossíveis, porém, de formular, se a

---

(1) Vid. *Flora de Portugal,* do professor D. António Xavier Pereira Coutinho, Lisboa, 1913.

(2) Ovide, *Morceaux Choisis des Métamorphoses*, par M. L. Armengaud. Paris, Hachette, 18.e éd., pág. 150.

(3) Esta letra, em determinada posição, terá sido comparada ao Y (a inicial do nome «Hyacintho» em grego, de que fala E. Dias).

flor fôr regular; a existência de mais de um plano de simetria é absolutamente incompatível com a existência de tais letras. Em vão, pois, procuraremos a flor entre os íris — lírios —, como entre os jacintos, porque as flores são regulares. A verificação levar-nos-ia à mesma conclusão: nenhum íris tem letras; nenhum é, pois, a flor resultante da metamorfose de Jacinto.

*
* *

Vejamos então se será a flor que felizes comparações fizeram denominar «pied d'alouette» em França e «esporas (1)» em Portugal. Para isso teremos de sair do grande grupo das Monocotiledóneas onde a temos procurado e onde nos ficam os *lilia* (qualquer liliácea) a que Ovidio compara a flor (2).

As esporas (*Delphinium Ajacis,* L.) são de côr azul escura ou rosada (por vezes brancas), côr que lhe é dada pelo cálice, petalóide, de cinco sépalas aderentes na base. A superior é prolongada em esporão, que tem incluso o esporão da corola, esbranquiçada e formada de uma só peça. Tal dis-

---

(1) Na tradução do *Diccionario da Fabula* de Mr. Chompré (Lisboa, 1789), no vocábulo *Ajax*, diz-se: *O seu sangue foi mudado em jacyntho, flor, em que já se tinha convertido hum mancebo deste nome morto por Apollo. Alguns dizem que pela flor do jacyntho convem entender o pé de calhandra onde parece que se veem estas duas letras AI...*

Pé de calhandra é certamente uma tradução de *pied d'alouette.*

(2) *Met.* X. 212-213:

Flos oritur, formamque capit quam lilia, si non
Purpureus color his, argenteus esset in illis.

Se *forma* não tem o significado de beleza, o poeta pode ter sido impressionado pela semelhança que resulta principalmente da coloração das sépalas.

posição é aproveitada pelas crianças, que enfiam flores umas nas outras pelos esporões, fazendo pequeninas coroas, que utilizam como marcas de livros. Umas vezes fazem-nas de flores completas, outras vezes extraem as corolas, juntamente com as sépalas esporoadas e só destas as confeccionam (1).

Em cada uma destas corolas, sôbre um fundo branco, vêem-se as letras que recordam o menino e o herói (2). São, pois, as esporas a flor que uma dupla fábula lutuosa acompanha; são elas as *flores Hyacinthinas* de Camões.

*
* *

Fàcilmente poderemos comprovar a afirmativa que deixamos expressa. Vários autores célebres em estudos botânicos desde os tempos de Camões até quási aos nossos dias o afirmam e até, pouco mais ou menos, pelas mesmas palavras. Custa acreditar que Ficalho, lente de Botânica, nunca tivesse folheado um dêsses autores, entre os quais figura Brotero, que ainda em 1913 é citado a cada passo na *Flora da Bacia do Mondego*, pelo professor Dr. Júlio Henriques. Foi até uma referência à obra de Brotero que aí acompanha o nome do *Delphinium Ajacis* o ponto de partida das nossas investigações, que, se não foram mais longe, foi sòmente pela dificuldade que resulta da falta de obras hoje raras como a de Cesalpino (3). O que encontrámos é, porém,

(1) Uma destas coroas figura no livro *Jogos e Canções Infantis* do prof. Augusto César Pires de Lima (Pôrto, 1916), onde é indicado o seu emprêgo.

(2) Vid a gravura. Tivemos, para a obter, de fazer fotografar flores de plantas cultivadas. Nas espontâneas, que só muito mais tarde obteríamos, são as letras ainda mais nítidas.

(3) *De Plantis*, 1583.

mais que suficiente para a demonstração da nossa afirmativa, que se só agora é feita, é principalmente devido a só agora termos encontrado a confirmação duma hipótese que de há muito aceitáramos: a de Plínio designar duas plantas muito diferentes pelo nome de *Hyacinthus,* sendo uma o *Delphinium Ajacis* e outra (1) uma planta bulbácea de propriedades medicinais. Tal confirmação encontrámo-la numa edição da *Historia Plantarum* de Teofrasto (2), onde se faz a distinção entre o *Hyacinthus medicus,* planta bulbácea, e o *Hyacinthus Poeticus,* largamente descrito, acompanhado de citações de poetas e identificado às esporas. Por ser demasiadamente extenso, não é transcrito o que da planta aí se diz, tanto mais que nada adianta ao que repetem os sucessivos autores que serão mencionados; sòmente faremos notar que o que todos os autores afirmam pertencer ao Idílio 19 de Teócrito aparece aí como pertencente a Moscho no epitáfio de Bion, onde efectivamente se encontra. No mesmo lugar se afirma também que a fábula aparece pela primeira vez nos *Theriaga* de Nicandro, de que são citados cinco versos; e que *tam gratus hic flos semper Apolline fuit, ut eo coronari voluerit.*

A seguir se fazem as transcrições de diferentes autores.

Brotero, *Flora Lusitanica* (3), II, pág. 302:

Delphinium Aiacis, Linn.

....

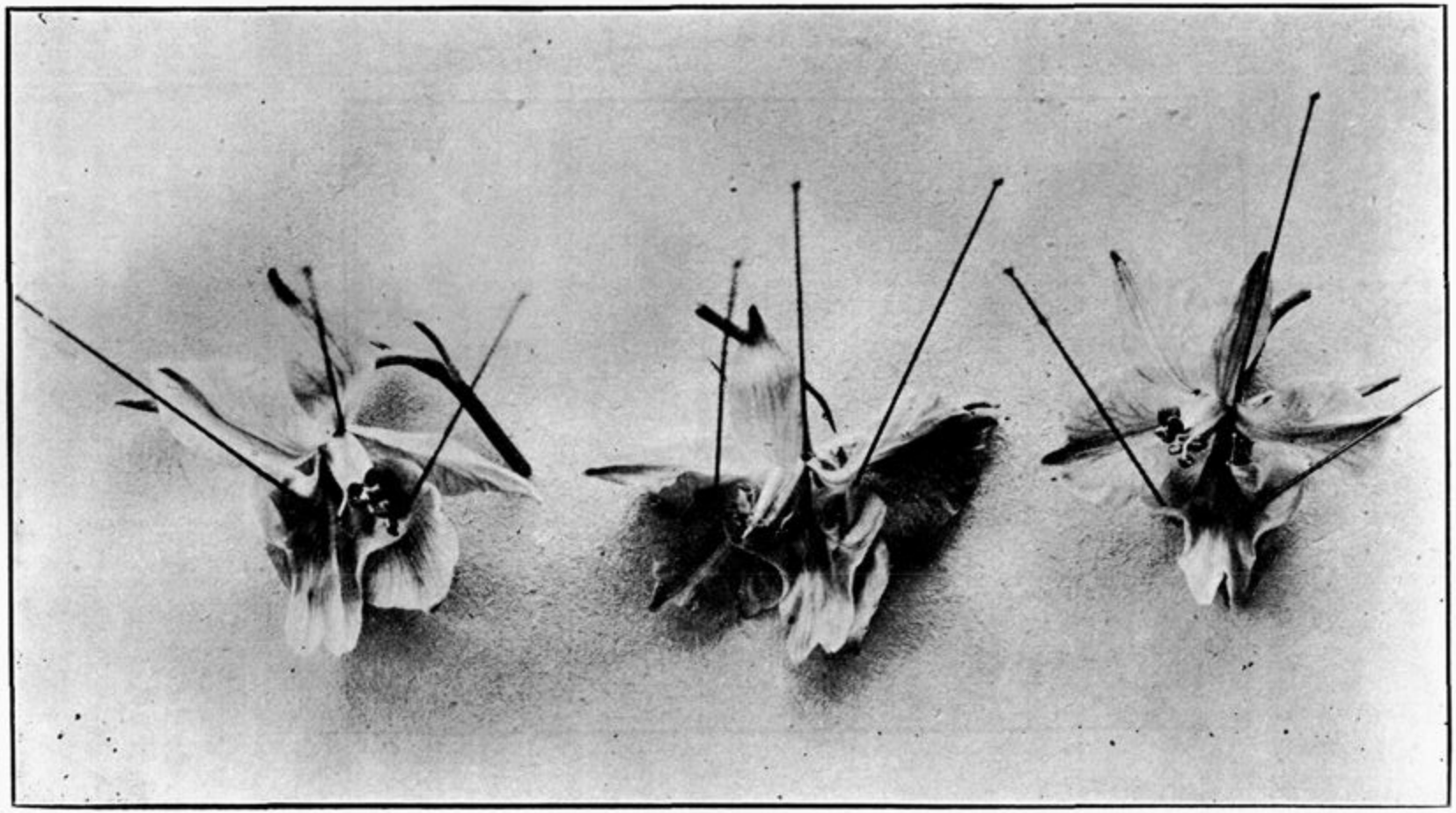
Lusit. *Consolda Real, ou Esporas dos jardins.*

....

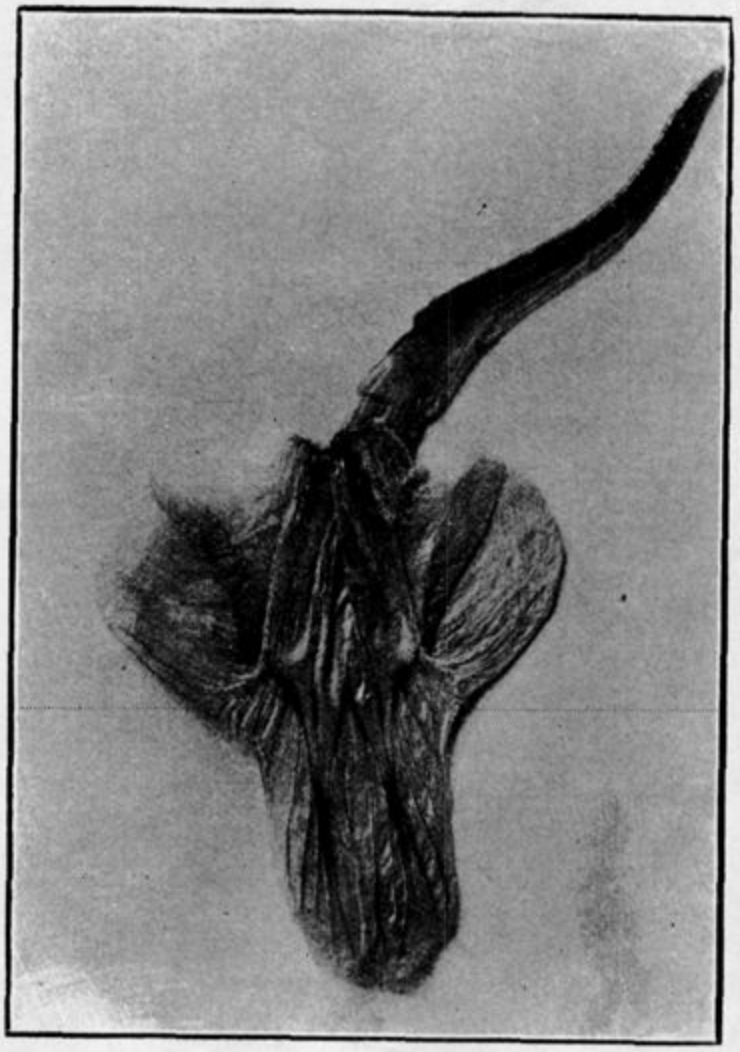
(1) XXI-26 (97) § 170: *Hyacinthus in Gallia maxume provenit... radix est bulbacea...*

(2) Theophrasti Eresii, *De Historia Plantarum.* Illustravit I. Bodaeus à Stapel. Accesserunt Julii Caesaris Scaligeri animadversiones et Roberti Constantini annotationes. Amstelodami, 1644, págs. 710 e seg.

(3) Ullissipone, 1804.



Delphinium Ajacis (esporas) mostrando as letras da corola



Corola espalmada, muito aumentada, do Delphinium Ajacis
onde se veem as letras A I A I A na linha indicada na figura

Ex Caesalpino flores... inter coronarios habiti apud antiquos sub nomime Hyacinthi, quem Poetae fabulantur ex cruore Aiacis ortum. Fabulandi fuere in causa litterae duae AI, seu tres AIA, quae virgulis caeruleis inscriptae in parte albida florum conspiciuntur. Ideo Poetae:

Dic, quibus in terris inscripti nomine regum
Nascantur flores: et Phyllida solus habeto.

Virgil. Ecl. 3 v. 106.

Ipse suos gemitus foliis inscribit, et αἰ αἰ
Flos habet inscriptum, funestaque littera ducta est.

Ovid. Met. 10 v. 215.

Nunc, Hyacinthe, sonet tua littera, scilicet AI, AI,
Nec tamen satis est, AI, AI, plus ergo loquatur.

Ex Theocr. Edyll. 19.

Lineu, *Systema Plantarum Europae* (1), T. III, pág. 583.

Delphinium Aiacis.

.....

Consolida regalis hortensis... *Bauh.*

.....

Flos regius *Dod.*

.....

Dic quibus in terris inscripti nomine Regum
Nascantur flores, & phyllida solus habeto.

Virg. *Eclog.*

Ecce suos gemitus foliis inscripsit & Aia.

Bauhino, *Historia Plantarum* (2), T. III, 1.ª parte pág. 210 e 211:

Delphinium (ut Dioscorides prodidisse fertur) ramos ab una radice

(1) Coloniae-Allobrogum, 1785.

(2) Ebroduni, 1650. Foi publicada, só depois da morte do autor, com

duorum dodrantum longitudine et aliquando maiores profert: circa quos folia sunt tenuia, candida (carent hoc vocabulo quaedam exemplaria), prelonga, incisuris divisa, Delphinorum figura, unde et nomen invenit.

....

Est et alterum Delphinium quod Hyacinthum aliqui, Romani vero Buccinum pariter vocant, iam dicto simile, foliis tamen, ramulisque multo gracilioribus:

.....

DE CONSOLIDA REGALIS eiusque speciebus Cap. XC.

Consolidam regalem videntur Veteres inter flores coronarios habuisse, & quidem sub Hyacinthi nomine, siquidem Plinius lib. 21. cap. 11 ita discurrentes notas inesse dicat, ut, graecarum literarum figura A. I. legatur *inscripta*; quod sane in Consolida Regali hortensi observare licet, quippe quod in floribus sit folium quoddam implicatum, quod in albo characteres habet occultatos, ex virgulis caeruleis duas literas A I aut tres A I A exprimentes.

....

Germ. Rittersporn... *Belg.* Ridderspoorn, *Gall.* Pied d'alouette,... *It.* Sperone di cavaliero, .. consolida regale, *Angl.* larckes spurre.

.....

CONSOLIDA REGALIS erectior purpureo, sive violaceo flore maiore

.....

... flores circa summas virgulas initio antequam dehiscant, effigie Delphinorum virides: procedente tempore explicati, colorem purpureum elegantem contrahunt, tendentem ad caeruleum, à tergo caudati...

....

... ipse non dubito hunc florem inter coronarios habitum apud Antiquos sub nomine Hyacinthi, quem Poetae fabulantur ex Aiacis cruore ortum. Consolida regalis sive Flos regius maior flore purpureo... hoc habet peculiare, quod folium corniculo annexum si pan-

---

acrescentamentos de D. Chabreo. João Bauhino, duma família de notáveis médicos e botânicos, favorecidos por grandes senhores, era cognominado pelos contemporâneos «o pai da Botânica». Nasceu em Basileia, em 1541, e morreu em Montbeliard, onde era primeiro médico do Duque Ulric, desde 1570, no ano de 1613. Devem-se-lhe as escavações das ruínas de Mandarum (Vid. *Grande Enciclopédia*).

datur A. I. A. I. A. literas inscriptas ostendat, unde Caesalpino Hyacinthus poëtarum habetur de quo Ovidius in Metamorphosi:

Ipse suos gemitus foliis inscribit et AI AI
Flos habet inscriptū, funestaque litera ducta est.

Itemque Theocritus *Idyll.* 19.

Nunc Hyacinthe sonet tua litera, scilicet AI AI
Nec tamen hoc satis est, AI AI plus ergo loquatur.
Literulasque velis foliis inscribere plures.

Camerario, *Hortus Medicus et Philosophicus* (1) pág. 46:

Consolida regalis, sive Flos Regius flore albo, incarnato, purpureo, caeruleo, minore et maiore. Item utraque tam maior quam minor flore pleno. Caeterum maior praesertim purpureus flos hoc habet peculiare, quod folium corniculo annexum si pandatur literas A I A I A inscriptas ostendat, unde Caesalpino Hyacinthus poëtarum habetur, de quo Ovidius in Metamorphosi:

Ipse suos gemitus foliis inscribit et AI AI
Flos habet inscriptum, funestaque litera ducta est.

Itemque Theocritus, *Idyll.* 19.

Νῦν ὑάκινθε λάλει τὰ σὰ γράμματα καὶ πλέον AI AI
Λάμβανε τοῖς πέταλοισι.

Nunc hyacinthe sonet tua litera scilicet AI AI,
Nec tamen satis est, AI AI plus ergo loquatur,
Literulasque velis foliis inscribere plures.
Ut Eobanus Hessus vertit.

E assim chegámos ao século XVI, o século de Camões, encontrando sempre a mesma tradição durante três séculos,

(1) Francofurti, 1588.

Nos tempos modernos a lenda deixou, porém, de acompanhar a flor a que Lineu ligou o nome de *Ajax* e daí as erradas identificações das *flores Hyacinthinas*.

Coimbra, Abril de 1928.

Augusto Faria Gersão Ventura